

LUNA, Francisco Vidal & KLEIN, Herbert S. Observações sobre Preços Agrícolas em São Paulo (1798/1836). In: *Boletim de História Demográfica*, ano VIII, no. 21, março de 2001.

OBSERVAÇÕES A RESPEITO DOS PREÇOS AGRÍCOLAS EM SÃO PAULO (1798/1836)

Francisco Vidal Luna
Universidade de São Paulo

Herbert S. Klein
Columbia University

Apesar da importância do comportamento dos preços para o conhecimento do passado, temos ainda poucos estudos tratando do tema para o período colonial paulista. Os trabalhos existentes são normalmente específicos para um determinado produto ou localidade, e infelizmente não existem pesquisas de maior profundidade, como os observados para outras regiões do país (1). Com intuito de contribuir nessa matéria, procuramos efetuar um levantamento amplo dos preços recebidos pelos agricultores paulistas no período 1798-1836. Esta nota não pretende analisar em profundidade a estrutura e os mecanismos formadores de preços naquela sociedade, mas apresentar séries consistentes dos preços dos principais produtos agrícolas.

As Listas Nominativas dos Habitantes, do Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo, constituem nossa fonte documental. Durante o período 1765-1836, efetuaram-se levantamentos censitários anuais na região, divulgando-se informações por fogo e agregados por vila. A partir de 1798, as Listas também passaram a fornecer informações relacionadas com as atividades agrícolas dos moradores, tais como quantidade produzida, vendas efetuadas e preços recebidos. Embora sem a regularidade dos dados demográficos, objeto principal dos censos, as informações econômicas ali contidas representam uma base documental fundamental para o entendimento daquela sociedade.

Analisamos todas as Listas disponíveis e escolhemos as que continham dados de boa qualidade a respeito da produção e dos preços. Como calculamos preços médios ponderados pela respectiva quantidade, consideramos somente as observações que continham informações a respeito de produção e preços, desprezando as demais. Por esse critério selecionamos doze localidades, com um total de 12.516 observações sobre preços. Por localidade, cabem realce para Mogi Mirim com 2218 casos, Guaratinguetá, com 2201, Areias com 1953, São Sebastião com 1898 e Jundiá com 1614. O café em arrobas (2653 casos), os porcos em unidades (2517 casos) e o açúcar em arrobas (2337 casos), foram os produtos mais freqüentes (tabela 1).

Tabela 1
Localidades e produtos – Número de casos (1798-1836)

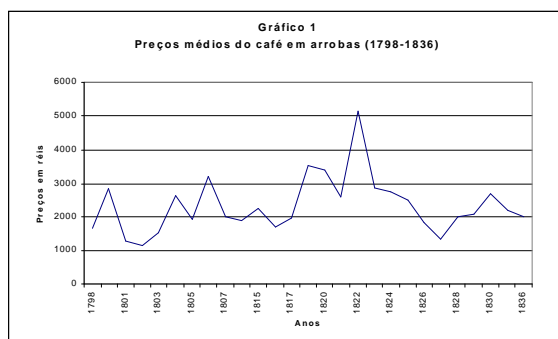
Localidades	Número de anos	Número de casos	Produtos	Número de casos
Mogi Mirim	15	2218	Café em arrobas	2653
Guaratinguetá	26	2201	Porcos em unidades	2517
Areias	7	1953	Açúcar em arrobas	2337
São Sebastião	15	1898	Milho em alqueires	651
Jundiaí	16	1614	Bois em unidades	563
Lorena	19	1269	Fumo em arrobas	475
Campinas	22	930	Aguardente em barris	471
Mogi Guaçú	8	230	Aguardente em canadas	458
Piracicaba	11	96	Algodão em arrobas	416
Itu	1	66	Feijão em alqueires	337
Sorocaba	2	31	Toucinho em arrobas	310
Porto Feliz	1	7	Farinha de mandioca em alqueires	211
			Aguardente em pipas	125
			Arroz em alqueires	78
			Milho em mãos	70
			Milho em carros	42
			Aguardente em medidas	1
			Outros	901
			Total	12516

Café

Temos informações sobre preços de café em arrobas entre 1798 e 1836, com falhas em alguns anos e escassas informações até 1813, pela pouca relevância da atividade ⁽²⁾. A partir de 1814 a amostra tornou-se expressiva e os preços mostram um período de relativo crescimento até 1822; decrescem entre 1823 e 1827 e recuperam-se nos anos seguintes. O maior preço médio ocorreu em 1822, com 5.143 réis por arroba e o menor em 1.802, com 1.133 réis por arroba ⁽³⁾. A moda, o preço mínimo e o preço máximo apresentaram expressiva variabilidade no período (tabela 2 e gráfico 1).

Tabela 2
Preços médios do café (Réis por arroba)

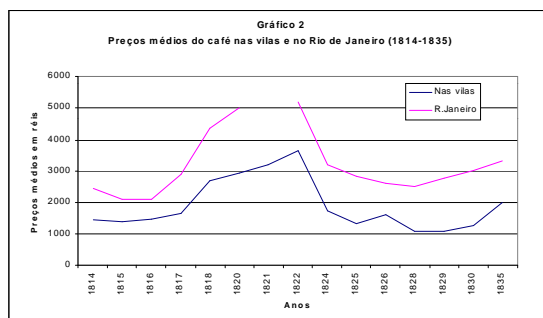
Anos	Preços Médios	Número de casos	Preços Mínimos	Preços Máximos	Moda	Desvio Padrão
1798	1688	9	640	3200	1600	655
1799	2846	9	1600	8000	2000	1986
1801	1280	1	1280	1280	1280	
1802	1133	3	800	1600		416
1803	1540	4	1360	1600	1600	120
1804	2660	6	1600	5000	1600	1467
1805	1920	1	1920	1920	1920	
1806	3200	2	3200	3200	3200	
1807	1996	3	1670	2400		370
1814	1904	109	800	3040	2400	595
1815	2251	26	1000	8000	1600	1871
1816	1695	41	1000	2280	1600	504
1817	1982	87	1280	3680	1600	670
1818	3531	83	1280	5120	4000	794
1820	3402	39	1280	5000	3200	914
1821	2592	32	1920	3200	2560	388
1822	5143	352	2560	6400	5200	342
1823	2876	21	2560	5120	2880	535
1824	2763	13	1600	3200	3200	690
1825	2521	524	960	3600	2800	653
1826	1842	82	1120	3000	1600	575
1827	1336	27	960	2240	1280	219
1828	2014	285	1000	3600	1000	784
1829	2084	431	1000	1000	1000	872
1830	2697	294	1000	3200	3200	675
1835	2212	11	2000	2000	2000	477
1836	2018	156	2000	2000	2000	138



Os resultados referem-se ao conjunto dos preços informados, sem considerar o local da venda do produto. Em muitos casos especificava-se esse local, normalmente a própria vila ou o Rio de Janeiro. A partir dessa informação, construímos duas séries de preços, uma relativa as vendas na própria vila e outra computando apenas as vendas realizadas no Rio de Janeiro (4). Os resultados demonstram que a média de preços do produto transacionado diretamente no Rio de Janeiro, superava os preços obtidos nas vendas nas vilas produtoras. Parte da diferenças (que atingia entre 50% a 100%) deveria refletir os custos de transportes até a Capital (tabela 3 e gráfico 2). Dois outros trabalhos efetuaram a mesma segregação entre vendas do café na vila e vendas no Rio de Janeiro, encontrando o mesmo tipo de resultado (5). Um desses dois estudos ao analisar Bananal encontrou uma situação similar à observada neste trabalho. Em 1814, por exemplo, nossa média para as vendas efetuadas nas própria vilas resultou 1.436; em Bananal obteve-se 1.259. Para as vendas no Rio de Janeiro encontramos a média de 2.448; em Bananal situou-se em 2.368. Assemelham-se a magnitude dos valores absolutos e a diferença entre os preços das duas praças (6).

Tabela 3
Preços médios do café nas vilas analisadas e no Rio de Janeiro (Réis por arroba)

Anos	Preços médios nas vilas analisadas (a)	Preços médios vendas no Rio de Janeiro (b)	Relação (b)/(a)
1798	1680	3200	1,9
1799	1800	3284	1,8
1801		1280	
1802		1133	
1803	1600		
1804	1740	4000	2,3
1806		3200	
1807	1996		
1814	1436	2448	1,7
1815	1389	2093	1,5
1816	1477	2108	1,4
1817	1652	2900	1,8
1818	2702	4377	1,6
1820	2951	5000	1,7
1821	3200		
1822	3657	5189	1,4
1824	1733	3200	1,8
1825	1309	2846	2,2
1826	1627	2604	1,6
1828	1095	2518	2,3
1829	1080	2803	2,6
1830	1265	3017	2,4
1835	2000	3333	1,7
Casos	483	781	

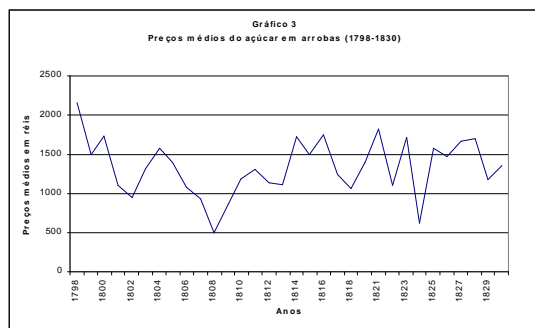


Açúcar

Para o cálculo dos preços do açúcar em arrobas existem informações disponíveis para o período 1798 a 1836, mas com poucas observações nos anos 1809 a 1812. Entre 1798 e 1836 ocorreram dois movimentos expressivos: queda significativa entre 1798 (2.150 réis) e 1808 (501 réis) e recuperação entre este último ano e 1816, quando voltou aos 1.760 réis por arroba. A partir deste último ano, os preços passaram por maiores flutuações, sem tendência definida até 1830 (tabela 4 e gráfico 3).

Tabela 4
Preços médios do açúcar – sem divisão por qualidade (Réis por arroba).

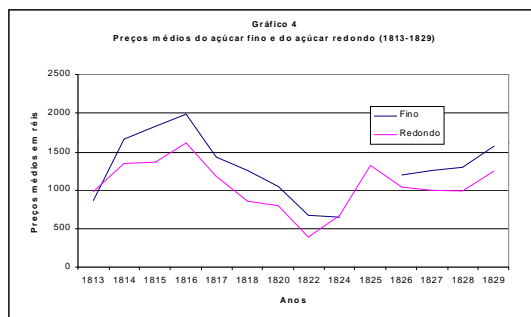
Anos	Preços Médios	Número de casos	Preços Mínimos	Preços Máximos	Moda	Desvio Padrão
1798	2150	491	640	2600	2400	393
1799	1499	702	280	2600	2000	483
1800	1748	75	960	2760	1600	253
1801	1106	103	500	3200	800	440
1802	954	51	600	1600	1000	156
1803	1323	48	220	2240	1000	506
1804	1590	46	800	2400	1600	295
1805	1404	19	1000	2050	1280	294
1806	1084	42	700	1600	1000	271
1807	932	30	800	1280	800	135
1808	501	13	200	800		234
1809	866	3	800	1000	800	115
1810	1192	8	960	1600		210
1811	1316	5	1000	1600		239
1812	1146	6	1000	1600	1000	248
1813	1121	24	400	5000	1000	872
1814	1725	68	600	8000	2000	1067
1815	1500	48	640	2000	1600	372
1816	1760	26	960	2600	2000	406
1817	1251	43	600	2000	1280	369
1818	1066	80	600	2000		353
1820	1410	36	500	2400	1280	408
1821	1832	62	1600	2600	2000	217
1822	1108	34	240	6400		1067
1823	1716	11	1280	1920		215
1824	620	36	200	4000	640	616
1825	1586	44	440	7900		1079
1826	1481	36	800	2240	1000	446
1827	1669	33	600	2880	1200	363
1828	1703	12	600	3000	1200	527
1829	1178	51	1000	4000	1600	673
1830	1360	51	960	4000	1600	931



Os valores acima mencionados não estavam divididos pela qualidade do produto. Como cerca da metade das observações continha esse tipo de classificação, calculamos também preços médios para o açúcar alvo ou fino e para o açúcar redondo. Os resultados demonstram para o primeiro, mais nobre, um preço médio cerca de 30% superior ao segundo (tabela 5 e gráfico 4).

Tabela 5
Preços médios do açúcar alvo ou fino e açúcar redondo (Réis por arroba)

Anos	Preços médios do açúcar alvo ou fino (a)	Preços médios do açúcar redondo (b)	Relação (a)/(b)
1798	2212	2163	1,0
1799	1452	1080	1,3
1800		1653	
1801	1456	949	1,5
1802		963	
1803	1000	1239	0,8
1804	1600	1621	1,0
1805		1495	
1806	1000	1203	0,8
1807		932	
1808	645	540	1,2
1809		900	
1810		1195	
1811		1316	
1812		1070	
1813	866	978	0,9
1814	1666	1353	1,2
1815	1840	1377	1,3
1816	1988	1616	1,2
1817	1437	1190	1,2
1818	1263	860	1,5
1820	1050	800	1,3
1822	671	388	1,7
1824	645	679	0,9
1825		1324	
1826	1200	1040	1,2
1827	1260	1005	1,3
1828	1296	998	1,3
1829	1575	1255	1,3
1830		1280	
Casos	242	503	



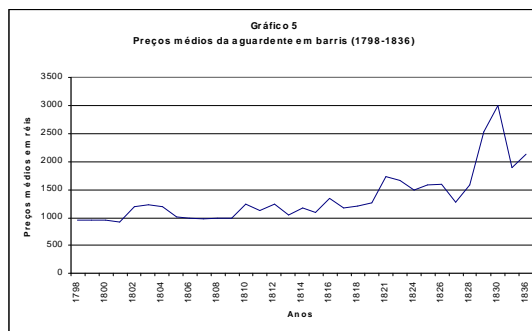
Aguardente

A análise da estrutura de preços da aguardente apresenta problemas não encontrados no estudo do café e do açúcar. Utilizavam-se para aquele produto várias unidades de medida e não há consenso na literatura quanto ao significado quantitativa de cada uma e a conversão entre elas. Em nossa pesquisa encontramos quatro unidades de medida para a aguardente: barris, canadas, pipas e medidas, sendo os barris (471 casos), as canadas (458 casos) e as pipas (125 casos) as mais utilizadas. Encontramos apenas um registro anotado em “medidas”. Infelizmente não encontramos em nossos levantamentos qualquer indicação quanto ao valor quantitativo dessas unidades e relação entre elas. Calculamos preços médios individualizados para as unidades mais freqüentes e efetuamos a relação entre esses preços, para verificar se existiam relações estáveis entre eles⁽⁷⁾.

Calculamos inicialmente os preços da aguardente registrada em barris. Nota-se estabilidade de preços entre 1798 e 1820, ao redor de 1.000 réis por barril, elevando-se na década seguinte para valores entre 1.500 e 2.000 réis. Os resultados parecem consistentes, pela grande estabilidade no tempo e baixa variância, apesar de termos uma amostra relativamente pequena quando segregada por anos. Os resultados também indicam duas fases distintas. Preços estáveis nos primeiros vinte anos do século XIX e alta contínua de preços na década de vinte, praticamente dobrando nos anos finais da década e no início dos anos trinta (tabela 6 e gráfico 5).

Tabela 6
Preços médios da aguardente (Réis por barril)

Anos	Preços Médios	Número de casos	Preço Mínimo	Preço Máximo	Moda	Desvio Padrão
1798	955	45	260	1000	960	110
1799	965	22	800	1200	960	96
1800	962	15	800	1000	960	48
1801	929	22	800	1000	960	72
1802	1200	19	960	2080	960	438
1803	1232	13	800	1600	1500	280
1804	1194	14	1000	1600		167
1805	1011	14	960	1120	1000	61
1806	997	15	800	1120	1000	71
1807	978	15	800	1000	1000	52
1808	985	19	800	1000	1000	46
1809	993	12	920	1000	1000	23
1810	1240	9	960	2000	1000	387
1811	1135	8	1000	1280	1000	122
1812	1240	5	1000	1600	1200	219
1813	1042	17	800	1280	1000	143
1814	1185	8	1000	1280	1200	79
1815	1100	6	1000	1200		109
1816	1351	19	1000	1600		227
1817	1175	13	800	1600		374
1818	1205	26	1000	1600	1200	130
1820	1257	34	1000	2000	1200	238
1821	1728	5	1600	1920	1600	175
1822	1661	9	1200	311		599
1824	1493	9	1280	1600	1600	160
1825	1586	31	1200	2400	1600	299
1826	1596	16	1280	2240	1600	312
1827	1280	1	1280	1280	1280	
1828	1584	10	1280	2000	1600	263
1829	2533	6	1600	3000	3000	722
1830	3000	4	3000	3000	3000	
1835	1900	4	1600	2000	2000	200



Ao contrário dos preços em barris, os resultados da aguardente em canadas, mostravam comportamento instável. Parecem indicar que a quantidade de aguardente representada por uma canada poderia variar ou representar diferentes quantidades do produto. Essa observação pode ser melhor compreendida pelos resultados obtidos em 1799 e 1802. No primeiro ano o preço médio situava-se ao redor de mil réis; no segundo era quarenta vezes superior. Para entender melhor esses resultados extraímos da nossa amostra todos os preços superiores a 10.000 réis por canada de aguardente (eram 30 casos entre os 458 casos estudados). Com esse ajuste os resultados estabilizaram-se, situando-se ao redor de 2.000 réis por canada. Com um mínimo de 812 em 1802 e um máximo em 3.290 no ano seguinte. Eliminados esses preços acima de 10.000 réis e efetuando a média simples dos preços em canadas, sem considerar a divisão por ano, obtemos 1.593 réis, que representaria valor indicativo do preço médio da aguardente em canada durante o período estudado. Mas isso não resolve o problema, pois deixamos de lado um conjunto de informações, também em canadas, representando uma quantidade muito maior de aguardente; talvez um múltiplo de dez, em relação à canada cujo valor estimamos ao redor de 1.500 réis (tabela 7 e gráfico 6).

Tabela 7
Preços médios da aguardente (Réis por canada)

Anos	Dados originais em canadas		Excluindo > 10.000		Valores excluídos	
	Preços Médios	Número de casos	Preços Médios	Número de casos	Média	Número de casos
1799	1382	7	1382	7		
1801	1424	49	1037	48	20000	1
1802	812	10	812	10		
1803	41993	21	3290	5	54087	16
1804	2000	1	2000	1		
1806	1600	1	1600	1		
1807	1000	1	1000	1		
1808	918	4	918	4		
1810	7313	6	1470	4	19000	2
1811	1280	1	1280	1		
1812	1054	7	1054	7		
1813	1600	1	1600	1		
1814	2742	41	2742	41		
1815	2323	36	2323	36		
1816	6242	15	1741	13	35500	2
1817	1818	12	1818	12		
1818	5636	23	1982	21	44000	2
1820	12601	17	1925	13	47300	4
1821	1600	2	1600	2		
1822	1806	37	1806	37		
1824	1346	21	1346	21		
1825	1889	31	1619	30	10000	1
1826	5422	18	1300	16	38400	2
1827	1282	45	1282	45		
1828	1569	13	1569	13		

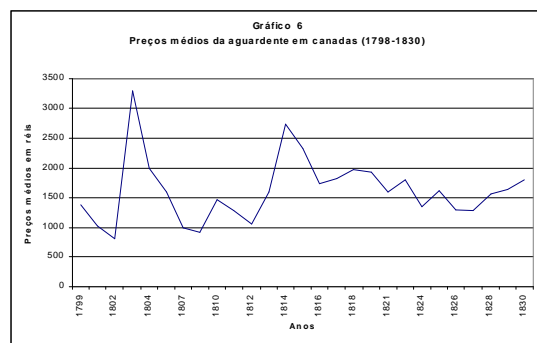
1829
1830

1641
1800

24
13

1641
1800

24
13



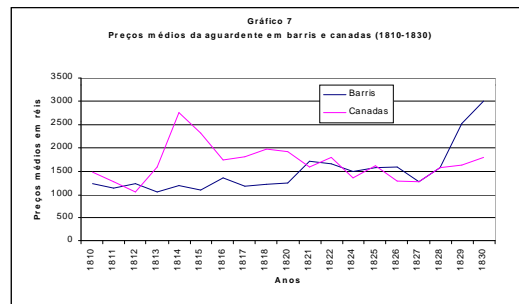
Estas evidências explicariam as dificuldades dos pesquisadores em estabelecer uma relação coerente entre canadas e barris. Vejamos uma comparação entre essas duas medidas, a partir dos resultados obtidos acima. A relação entre os preços médios em canadas e barris mostra instabilidade, mas sugere que as canadas, mesmo eliminando-se os valores acima de 10.000, representavam uma quantidade superior ao barril, pois a relação canadas/barris situou-se na maioria dos casos acima de um e abaixo de dois. Embora represente um resultado questionável, talvez seja um indicativo da relação entre aquelas duas unidades (tabela 8 e gráfico 7).

Tabela 8
Relação entre preços médios da aguardente, em barris e canadas.

Anos	Preços por barril (a)	Preços por canada (b)	Relação (b)/(a)
1798	955		
1799	965	1382	1,4
1800	962		
1801	929	1037	1,1
1802	1200	812	0,7
1803	1232	3290	2,7
1804	1194	2000	1,7
1805	1011		
1806	997	1600	1,6
1807	978	1000	1,0
1808	985	918	0,9
1809	993		
1810	1240	1470	1,2
1811	1135	1280	1,1
1812	1240	1054	0,9
1813	1042	1600	1,5
1814	1185	2742	2,3
1815	1100	2323	2,1
1816	1351	1741	1,3
1817	1175	1818	1,5
1818	1205	1982	1,6
1820	1257	1925	1,5
1821	1728	1600	0,9
1822	1661	1806	1,1
1824	1493	1346	0,9
1825	1586	1619	1,0
1826	1596	1300	0,8
1827	1280	1282	1,0
1828	1584	1569	1,0
1829	2533	1641	0,6
1830	3000	1800	0,6

1835
1836

1900
2138



Em estudo citado sobre Taubaté, Rangel (1990) encontrou uma relação de uma canada igual a 1,5 barril, que representa um resultado próximo ao nosso, quando retiramos da amostra os preços acima de 10.000 réis. Por outro lado, Lisanti (1973) indica que a relação seria de 60,03 canadas igual a um barril. As observações que eliminamos representavam médias de preços entre 40.000 e 55.000 réis. Em 1803, por exemplo, eliminamos 16 casos, com a média de 54.087 réis por canada. Nesse ano a média de preços da aguardente em barris resultou 1.232. Logo, uma canada, calculada a partir dos preços médios anteriormente eliminados, corresponderia a 44 barris. Em 1820, efetuando a mesma operação obtemos 38 barris igual a uma canada. São números que se aproximam dos sugeridos por Lisanti. Volta a idéia de uma unidade de medida com mais de uma expressão quantitativa. Fica uma questão em aberto, exigindo novos estudos.

Com relação aos preços da aguardente em pipas, infelizmente obtivemos poucas observações (124), basicamente concentradas em três anos. Os preços médios da aguardente em pipas situou-se ao redor de 29.000 réis nesses três anos (1798, 1799 e 1821). Relacionando esse valor com os preços médios em barris, anteriormente analisados, resultaria uma pipa equivalente a cerca de 30 barris; em 1821 a proporção reduzia-se para 16 barris ⁽⁹⁾ (tabela 9).

Tabela 9
Preços médios da aguardente em pipas e em barris

Anos	Preços médios por pipa (a)	Número de casos	Preços médios por barril (b)	Relação (b)/(a)
1798	27253	38	955	28,5
1799	29409	33	965	30,5
1801	14850	4	929	16,0
1803	57600	1	1232	46,8
1805	34000	2	1011	33,6
1815	31333	6	1100	28,5
1817	32000	1	1175	27,2
1821	29193	32	1728	16,9
1828	43866	3	1584	27,7
1829	80000	2	2533	31,6
1830	65000	2	3000	21,7

Deve-se lembrar que a Lei 1.157, de 1862 ⁽⁹⁾, que implantou o sistema métrico no Brasil, listou uma série de medidas então adotadas e sua conversão ao sistema métrico. No caso dos líquidos, apresentou as seguintes transformações:

Tonel = 2 pipas = 840 litros

Pipa = 25 almudes = 420 litros

Almude = 12 canadas = 31.944 litros
 Canada = 4 quartilhos = 2,662 litros
 Quartilho = 0,665 litros.

Ou seja, a única relação que pode ser estabelecida entre as unidades de medida encontradas em nosso levantamento seria o das pipas com as canadas. Uma pipa corresponderia a 157,78 canadas ⁽¹⁰⁾.

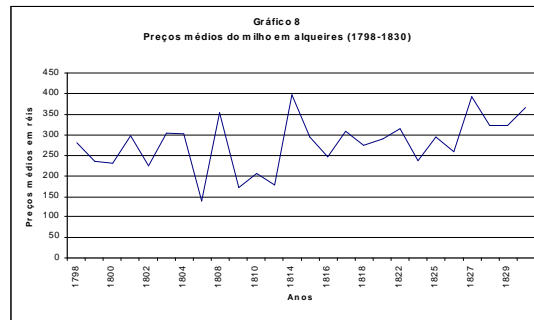
Milho

O milho era mensurado e transacionado essencialmente em alqueires, mas haviam também operações em outras unidades, como mãos, carros e cavalos. Em nosso levantamento encontramos preços registrados em alqueires (651 casos), mãos (70 casos) e carros (42 casos). Há grande dificuldade em converter entre si essas unidades, mas há uma conversão claramente definida do alqueire para o sistema métrico. Pela Lei 1.157, o alqueire, medida de volume, corresponderia a 36,27 litros ⁽¹¹⁾. O comportamento dos preços do milho em réis por alqueire mostra relativa estabilidade entre 1798 e 1811 no patamar de 250 a 300 réis, elevando-se a partir de 1813 para valores acima de 300 réis e superando os 500 réis em alguns anos (tabela 10 e gráfico 8). Quanto aos registros em mãos e carros, as reduzidas amostras disponíveis geram resultados voláteis e pouco confiáveis. Apenas como ilustração, calculamos a média de preços do milho em mãos em dois anos com maior número de observações (12 e 24 casos) e encontramos um valor médio entre 13 réis (1815) e 15 réis (1820); considerados todos os 70 casos, sem separação por anos, resultou a média de 21 réis por mão de milho. Efetuando o mesmo cálculo para o milho em carros, resultou um preço médio de 446 para o ano de 1820, quando haviam 17 observações; para o conjunto dos casos, sem dividi-los por anos, encontramos o preço médio de 777 reis por carro ⁽¹²⁾.

Tabela 10
Preços médios do milho (Réis por alqueire)

Anos	Preços Médios	Número de casos	Preço Mínimo	Preço Máximo	Moda	Desvio Padrão
1798	282	74	160	480	320	63
1799	237	108	120	1600	160	71
1800	231	20	160	280	240	27
1801	299	23	160	400	320	53
1802	226	19	100	320	200	66
1803	306	10	240	340	320	35
1804	302	7	120	640	240	169
1805	140	2	120	160		28
1808	353	25	160	720	320	129
1809	173	13	100	400	160	73
1810	207	25	100	1600	120	311
1811	180	2	160	200		28
1814	398	61	120	1280		262
1815	297	44	160	960	200	161
1816	249	21	160	800	160	139
1817	310	26	150	480	320	85
1818	276	28	102	1000	240	158
1820	292	10	151	640	160	193
1822	316	11	160	600	320	112
1824	239	24	160	960	200	157
1825	296	16	166	800	240	153
1826	260	8	160	320	320	74
1827	392	42	160	1270	320	159
1828	323	13	200	1000	320	210

1829	324	11	220	711	320	134
1830	366	9	320	500	320	63

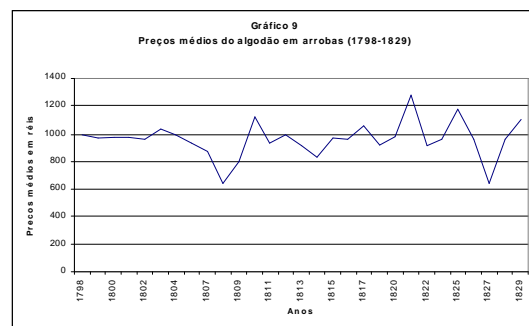


Algodão

O algodão era apresentado exclusivamente em réis por arroba. No período analisado houve relativa estabilidade de preços, ao redor de mil réis. O valor da moda concentrou-se em dois valores: 960 réis e 1000 réis por arroba (tabela 11 e gráfico 9).

Tabela 11
Preços médios do algodão (Réis por arroba)

Anos	Preços Médios	Número de casos	Preço Mínimo	Preço Máximo	Moda	Desvio Padrão
1798	1000	97	800	1600	960	129
1799	967	39	800	1600	960	117
1800	974	45	900	1040	960	24
1801	975	41	800	1200	1000	57
1802	960	11	960	960	960	
1803	1036	6	980	1240	1000	99
1804	1000	2	1000	1000	1000	
1806	933	6	800	960	960	65
1807	872	5	800	1000	800	99
1808	640	2	640	640	640	
1809	800	3	640	960		160
1810	1122	4	800	2000		585
1811	936	6	800	1040		92
1812	1000	1	1000	1000	1000	
1813	913	11	600	3000	640	703
1814	833	21	600	1000	960	159
1815	969	13	800	1280	960	109
1816	965	7	960	1000	960	15
1817	1061	12	600	2000	960	334
1818	925	14	640	1000	960	105
1820	985	19	640	1280	1000	250
1821	1280	1	1280	1280	1280	
1822	916	6	485	1600		455
1823	963	12	960	1000	960	11
1825	1177	10	800	2240	960	409
1826	963	11	640	1280	960	173
1827	640	2	640	640	640	
1828	960	1	960	960	960	
1829	1100	2	1000	1200		141

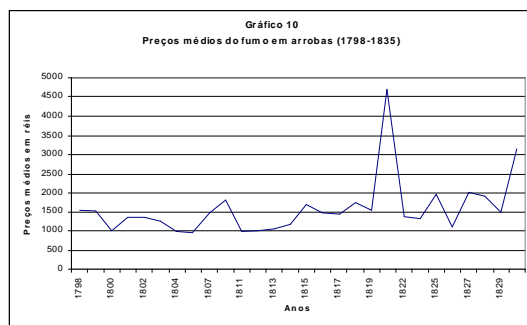


Fumo

O fumo era outro produto mensurado apenas em arrobas. O preço médio obtido passou por uma fase de retração, entre 1798 e 1806, com queda da faixa de 1.500 réis por arroba para 1.000 réis. Após este último ano, houve um período de flutuações, mas a partir de 1815 o preço médio manteve-se sistematicamente acima da média da primeira década do século XIX (tabela 12 e gráfico 10).

Tabela 12
Preços médios do fumo (Réis por arroba)

Anos	Preços Médios	Número de casos	Preço Mínimo	Preço Máximo	Moda	Desvio Padrão
1798	1562	122	800	3200	1600	434
1799	1535	84	600	2000	1600	304
1800	1000	2	1000	1000	1000	
1801	1360	26	1000	1760	1600	241
1802	1356	13	800	2240	1000	522
1803	1246	15	800	2000	1000	429
1804	986	3	960	1000	1000	23
1806	960	4	2000	2000	2000	130
1807	1488	5	800	1120	960	317
1809	1816	5	1000	4000		1239
1811	976	5	960	1040	960	35
1812	1000	3	1000	1000	1000	
1813	1051	7	800	1600	1000	252
1814	1180	14	960	3000	1000	548
1815	1711	29	737	2000	2000	458
1816	1468	9	1000	2000	2000	378
1817	1458	11	1000	1600	1600	230
1818	1737	9	1000	3840	1600	837
1819	1545	21	1000	3200	1600	597
1821	4705	16	2560	6400	4480	1216
1822	1371	7	800	2000	1000	475
1823	1333	3	1000	2000	1000	577
1825	1980	16	800	4000	2000	639
1826	1116	4	600	2000		621
1827	2008	10	1200	6400	1600	1550
1828	1910	8	1280	2000	2000	254
1829	1500	2	1000	2000		707
1835	3151	21	2857	4000	3000	363

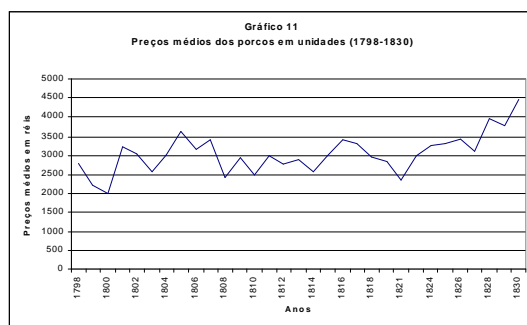


Porcos

O preço médio dos porcos, registrados por cabeça, representa também um problema, pela não identificação da idade, porte ou peso dos animais. Entretanto, os resultados obtidos em mil réis por cabeça mostram estabilidade, sem grandes flutuações entre anos. Variaram ao redor de 3.000 mil réis até meados da década de vinte, com tendência ascendente nos anos seguintes. A moda manteve-se em 2.000 réis na maioria dos anos analisados, aumentando para 4.000 réis nos anos 1828 e 1829 (tabela 13 e gráfico 11).

Tabela 13
Preços médios dos porcos (Réis por unidade)

Anos	Preços Médios	Número de casos	Preço Mínimo	Preço Máximo	Moda	Desvio Padrão
1798	2802	49	800	5000	3000	942
1799	2233	50	1280	4120	2000	506
1800	2000	4	2000	2000	2000	
1801	3240	25	1375	6000	3000	1008
1802	3043	50	1000	6300	3000	970
1803	2574	37	1000	5000	2000	750
1804	3016	125	800	9000	2000	1721
1805	3627	90	1000	9600	2000	2231
1806	3168	64	1200	8200	3000	1673
1807	3417	40	1600	8000	3000	1508
1808	2416	71	1000	5000	2000	877
1809	2957	43	1040	9000	2000	1859
1810	2489	123	800	8000	2000	1167
1811	3002	41	1400	6000	2000	1183
1812	2762	67	857	8000	2000	1497
1813	2898	72	1000	8000	2000	1350
1814	2584	119	400	8000	2000	1226
1815	3005	155	1000	16666	2000	1620
1816	3419	136	1000	16000	2000	1913
1817	3327	146	526	28000	2000	2639
1818	2963	176	1000	10666	2000	1627
1820	2840	247	1000	7360	2000	1059
1821	2360	16	2000	3400	2000	484
1822	3007	95	1280	6400	3200	923
1824	3272	58	1000	5000	4000	826
1825	3318	123	800	12800	2000	1857
1826	3444	65	1000	20000	2000	2634
1827	3128	88	700	9600	2000	1733
1828	3972	37	2400	8000	4000	1091
1829	3794	82	2000	8000	4000	1155
1830	4464	17	2500	9000	4000	1517

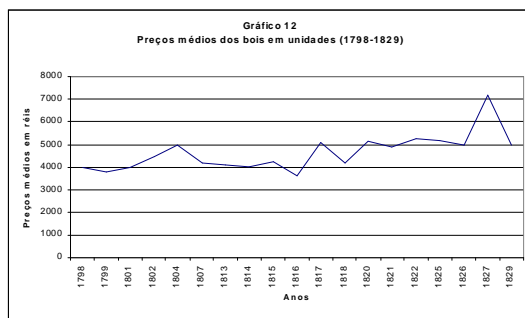


Bois

Os bois também eram vendidos por unidade, sem qualquer especificação quanto ao porte ou peso. Apesar disso, como no caso dos porcos, encontramos consistência nos preços médios obtidos. Houve estabilidade entre 1798 e 1816 (ao redor de 4.000 réis por cabeça), elevando-se no período seguinte para os 5.000 réis por unidade. No primeiros anos analisados a moda mostrou pouca variabilidade, com resultados de aproximadamente 4.000 réis; a partir de 1819 houve uma tendência de aumento nos preços, que elevou a moda para também para os 5.000 réis (tabela 14 e gráfico 12).

Tabela 14
Preços médios dos bois (Réis por unidade)

Anos	Preços Médios	Número de casos	Preço Mínimo	Preço Máximo	Moda	Desvio Padrão
1798	4000	7	4000	4000	4000	
1799	3804	18	1600	5000	4000	851
1801	4000	2	4000	4000	4000	
1802	4500	1	4500	4500	4500	
1804	5000	1	5000	5000	5000	
1807	4200	1	4200	4200	4200	
1813	4118	22	3000	7000	4000	729
1814	4034	26	3000	5000	4000	374
1815	4240	23	1000	9750	4000	2016
1816	3627	12	533	7000	4000	1560
1817	5128	45	1200	40000	4000	5713
1818	4190	90	500	15000	4000	1807
1820	5150	107	888	40000	5000	3912
1821	4903	31	1000	7000		1185
1822	5300	74	2300	8000	5000	1034
1825	5210	63	500	17500	5000	2339
1826	5007	28	1600	6400	5000	1084
1827	7166	10	2000	13000	8000	3113
1829	5000	1	5000	5000	5000	



Feijão, arroz, mandioca e toucinho

A seguir apresentamos os preços médios do feijão, arroz, farinha de mandioca e toucinho, produtos importantes na economia paulista, mas para os quais obtivemos poucas observações, tornando os resultados irregulares e menos confiáveis. O feijão e o arroz eram produtos fundamentais em São Paulo, encontrados na maioria dos fogos com produção agrícola especificada. Na maioria dos casos declarava-se ser a produção destinada ao próprio consumo. Isso explica as poucas observações sobre preços, se comparadas às informações existentes sobre a quantidade produzida desses produtos. Em São Paulo a farinha de mandioca não mostrava a importância de outros produtos alimentícios, como feijão, arroz e milho. O que talvez explique o reduzido número de informações. E quando produzido deveria também ser consumido preferencialmente no próprio fogo. O toucinho tinha sua produção concentrada em algumas vilas, como Cunha, onde representava um dos principais produtos comercializados, tendo por destino o Rio de Janeiro. E estava sempre associada à criação de porcos. Infelizmente encontramos poucas informações relativas aos preços do produto (tabela 15).

Tabela 15
Preços médios de feijão, arroz, farinha de mandioca e toucinho

Anos	Feijão em alqueires		Arroz em alqueires		Farinha de mandioca em alqueires		Toucinho em arrobas	
	Preços Médios	Número casos	Preços Médios	Número casos	Preços Médios	Número casos	Preços Médios	Número casos
1798	542	69	354	23	521	101	816	43
1799	611	76	465	11	516	78	1236	55
1800	640	10	316	5	509	15	1000	1
1801	816	10	320	1			1786	7
1802	586	3			528	5	1347	45
1803	626	12	946	3	533	3	980	12
1804	640	1					1720	25
1805								
1806								
1807	960	1						
1808	470	6	320	1	820	2		
1809	426	3			400	2		
1810	792	18	260	2	666	1		
1811	499	9			400	1		
1812	400	1					1000	1
1813	440	4						
1814	1068	21	400	2	640	1	1542	30
1815	736	17	640	1			1710	21
1816	646	6					1944	14
1817	2284	9	440	2			1581	35
1818	812	10			960	1	1733	15
1819								
1820	823	13	320	2				
1821			640	1				
1822	1000	7	640	2				
1823								
1824			468	7				
1825	688	12	944	5				
1826	960	3	800	1				
1827	792	11	675	4				
1828	960	1	320	2			2560	1
1829	1800	2					1600	3
1830	800	1	400	1				

Consolidação dos preços obtidos e índice de preços

A seguir apresentamos uma tabela que consolida todos os preços médios analisados. Ademais, e apenas como exercício, construímos uma média de preços considerando todos esses preços médios. A série não tem ponderação pela importância quantitativa de cada produto, impossível de efetuar com os dados obtidos. Sua construção representa uma média simples do índice de preços de onze produtos, todos com base 100 no ano de 1798. Nota-se uma relativa estabilidade de preços entre 1798 e 1811 e uma forte elevação até 1817. Nos anos seguintes, até 1830, o índice de preços manteve-se acima daquele verificado na primeira da década, mas apresentava fortes oscilações (tabela 16 e gráfico 13).

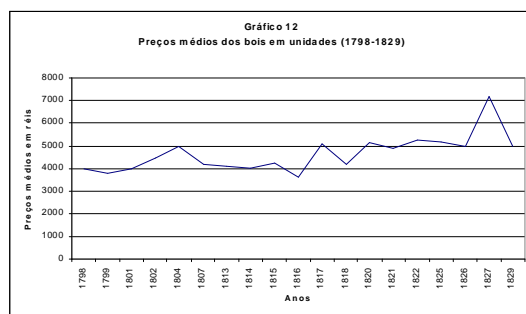


Tabela 16
Preços médios dos produtos analisados e índice simples dos preços médios,
sem ponderação (Base 1798=100)

Anos	Café	Açúcar	Aguardente	Milho	algodão	fumo	Porcos	bois	feijão	arroz	Mandioca	Índice 1798-100
	Arroba	Arroba	Barril	Alqueire	arroba	arroba	Unidade	unidade	alqueire	alqueire	Alqueire	
1798	1688	2150	955	282	1000	1562	2802	4000	542	354	521	100
1799	2846	1499	965	237	967	1535	2233	3804	611	465	516	100
1800		1748	962	231	974	1000	2000		640	316	509	93
1801	1280	1106	929	299	975	1360	3240	4000	816	320		98
1802	1133	954	1200	226	960	1356	3043	4500	586		528	96
1803	1540	1323	1232	306	1036	1246	2574		626	946	533	111
1804	2660	1590	1194	302	1000	986	3016	5000	640			110
1805	1920	1404	1011	140			3627					97
1806	3200	1084	997		933	960	3168					98
1807	1996	932	978		872	1488	3417	4200	960			105
1808		501	985	353	640		2416		470	320	820	95
1809		866	993	173	800	1816	2957		426		400	89
1810		1192	1240	207	1122		2489		792	260	666	105
1811		1316	1135	180	936	976	3002		499		400	92
1812		1146	1240		1000	1000	2762		400			94
1813		1121	1042		913	1051	2898	4118	440			94
1814	1904	1725	1185	398	833	1180	2584	4034	1068	400	640	113
1815	2251	1500	1100	297	969	1711	3005	4240	736	640		113
1816	1695	1760	1351	249	965	1468	3419	3627	646			108
1817	1982	1251	1175	310	1061	1458	3327	5128	2284	440		136
1818	3531	1066	1205	276	925	1737	2963	4190	812		960	121
1819						1545						
1820	3402	1410	1257	292	985		2840	5150	823	320		115
1821	2592	1832	1728			1280	4705	2360	4903		640	150
1822	5143	1108	1661	316	916	1371	3007	5300	1000	640		132
1823	2876	1716			963	1333						100
1824	2763	620	1493	239			3272			468		107
1825	2521	1586	1586	296	1177	1980	3318	5210	688	944		134
1826	1842	1481	1596	260	963	1116	3444	5007	960	800		123
1827	1336	1669	1280	392	640	2008	3128	7166	792	675		126
1828	2014	1703	1584	323	960	1910	3972		960	320		124
1829	2084	1178	2533	324	1100	1500	3794	5000	1800			151
1830	2697	1360	3000	366			4464		800	400		153
1835	2212		1900			3151						
1836	2018		2138									

Bibliografia

COSTA, Iraci del Nero da. “Pesos e Medidas no Período Colonial Brasileiro: Denominações e Relações”, Boletim de História Demográfica, Ano I, Número 1 – Abril de 1994.

Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, São Paulo, volume 28, pág. 61.

FERNANDÉZ, Ramón Vicente Garcia. Transformações Econômicas no Litoral Norte Paulista (1778-1836), Tese não publicada, São Paulo, FEA-USP, 1992.

MARCONDES, Renato Leite & MOTTA, José Flávio. “Preços e Comercialização do Café no Vale do Paraíba Paulista - Bananal em Inícios do Século XIX”. RBE, Rio de Janeiro, 53 (2):183-209, ABR./JUN. 1999.

LISANTI, Luís. Negócios Coloniais (Uma correspondência comercial do século XVIII), Brasília, Ministério da Fazenda, São Paulo, Visão Editorial, 1973. V.1.

RANGEL, Armenio de Souza. Escravidão e riqueza - Formação da economia cafeeira no município de Taubaté - 1765/1835, Tese não publicada, São Paulo, FEA-USP, 1990. 1990.

Almanack da Província de São Paulo para 1873, edição fac-similar, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado S.A., 1985.

LUNA, Francisco Vidal & KLEIN, Herbert S. “Nota a respeito de medidas para grãos utilizados no período colonial e as dificuldades para sua conversão ao sistema métrico”, Boletim de História Demográfica, Ano VIII, Número 21, Março de 2001.

WEECH, Friedrich Von. A Agricultura e o Comércio do Brasil no Sistema Colonial. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CANDIDO, Antonio. Os Parceiros do Rio Bonito – Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1964.

“Pesos e Medidas”, Boletim de História Demográfica, Ano II, Número 6, Junho de 1995.

“Pesos e Medidas”, Boletim de História Demográfica, Ano II, Número 7, Agosto de 1995.

“Pesos e Medidas”, Boletim de História Demográfica, Ano II, Número 8, Novembro de 1995.

“Pesos e Medidas”, Boletim de História Demográfica, Ano 3, Número 9, Março de 1996.

“Pesos e Medidas”, Boletim de História Demográfica, Ano III, Número 12, Novembro de 1996.

JOHNSON JR., Harold B. “Money and prices in Rio de Janeiro (1760-1820). In: Colloques Internationaux du CNRS. L’Histoire quantitative du Brésil de 1800 à 1930. Paris, CNRS, 1973.

LOBO, Maria Eulália M. L. "Evolução dos preços e padrão de vida no Rio de Janeiro 1820-1930". RBE, Rio de Janeiro, 25(4):235-65, out./dez. 1971.

MATTOSO, Katia de Queirós. "Os preços na Bahia de 1750 a 1930. In: Colloques Internationaux du CNRS. L'Histoire quantitative du Brésil de 1800 à 1930. Paris, CNRS, 1973.

NOTAS

- ¹ Alguns estudos sobre localidades específicas de São Paulo analisaram aspectos demográficos e econômicos da sociedade paulista e a estrutura de preços agrícolas. Um deles considerou a vila de Taubaté, Rangel (1990), o outro dedicou-se a Lorena, Marcondes (1992). Recentemente, publicou-se um excelente trabalho sobre os preços do café em Bananal, analisando com maior profundidade seu comportamento no tempo e por destino do produto, Marcondes & Motta (1999). Todos esses estudos basearam-se nas Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo. Para outras regiões do país existem estudos sobre preços, como Lobo (1971), Johnson (1973) e Mattoso (1973).
- ² Vários produtos como o café, açúcar, tabaco, algodão e o toucinho eram medidos em arrobas. Sua conversão para o sistema métrico foi claramente definida pela Lei 1157, de 1862; uma arroba correspondia a 14,689 quilos. Em nosso estudo todos os preços do café ocorreram em arrobas; entretanto, entretanto em pesquisa relativa ao litoral norte paulista encontraram-se também registros do café em alqueires e libras. Para converter os alqueires de café, na falta de referência na literatura, o pesquisador comparou os preços médios em arrobas e alqueires, encontrando a relação de 1 alqueire de café igual a 0,7 arrobas, Fernández (1992), pp. 305-308. Vários autores analisaram a questão das unidades de medida no sistema colonial. Entre eles podemos citar: Fernández (1992), Rangel (1990), Costa (1994) e Lisanti (1973). Em vários números do Boletim de História Demográfica apresentaram-se também informações e análises a respeito do tema: BHD números 6, 7, 8, 9 e 12.
- ³ Era nossa intenção comparar os preços como os obtidos por Rangel, em estudo sobre Taubaté. Entretanto, sua amostra, baseada em apenas uma vila, contém poucas observações, quando segmentada por produto e por ano. Se considerarmos o café, mesmo na década de vinte, quando aumentaram os dados sobre o produto, o estudo limitou-se a quatro anos, com aproximadamente dez casos por ano. Em 1835, por exemplo, coletou a quantidade produzida por 396 agricultores de café, mas apenas dez informaram preços. Rangel (1990), p. 383.
- ⁴ A maior parte da produção de café, ainda em fase de consolidação, ocorria no Vale do Paraíba e era enviado diretamente para o Rio de Janeiro. O açúcar, produzido no Oeste Paulista, passava normalmente pela cidade de São Paulo em direção ao porto de Santos. Havia também produção de café e açúcar no litoral norte, também enviado para o Rio de Janeiro sem passar pela cidade de São Paulo ou pelo porto de Santos.
- ⁵ Marcondes & Motta (1999) e Rangel (1990).
- ⁶ Marcondes & Motta (1999), p. 188.
- ⁷ Veja-se, por exemplo, Fernández (1992), Rangel (1990), Costa (1994) e Lisanti (1973).
- ⁸ Em 30 de julho de 1752 foi criado um imposto sobre a pipa de aguardente em 320 réis e sobre o barril em 80 réis. Isso significa uma relação de 4 barris por pipa. Documentos Interessantes, vol. 28, p. 61.
- ⁹ Lei 1.157 de 26 de junho de 1862, publicada como Suplemento no Almanack da Província de São Paulo para 1873, edição fac-similar, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado S.A., 1985.
- ¹⁰ Em vários relatos de viajantes encontramos referências as unidades de medidas. Friedrich Von Weech, apresenta uma extensa lista de medidas e suas conversões. Para líquidos dava, entre outras, as seguintes relações: um tonel ou duas pipas seria igual a 870 litros; uma pipa ou 26 almudes corresponderia a 435 litros. Weech (1992), p. 58.
- ¹¹ Sobre a conversão de alqueires para quilos veja-se Luna & Klein (2001).
- ¹² No ano de 1815, por exemplo, quando obtivemos um valor médio de 13 réis para as mãos, a média de preços em alqueires resultou 297, logo, nesse ano, 23 mãos corresponderia a um alqueire. Em 1820, quando o valor médio do milho em carros foi de 446, a média de preços do produto em alqueires resultou 292; logo um carro corresponderia a 1,53 alqueires. São apenas números ilustrativos, pois o reduzido número de observações dificulta uma análise mais precisa. Rangel procurou fazer o mesmo tipo de relação entre preços médios de diferentes unidades de medida. Segundo ele "A relação obtida foi confrontada com as relações usualmente indicadas entre as mesmas na historiografia. Na maioria dos casos as relações obtidas foram confirmadas: Milho: 1 alqueire = 4 mãos = 2 cargas". Rangel (1990), p. 315. Antonio Candido fala também dessas relações para um período mais recente: "Como se sabe, a unidade segundo a qual se mede a colheita e a venda de milho é o *carro*, tradicional medida portuguesa. O carro se divide em *cargueiros*, o *cargueiro* em *mãos*, que são compostas de espigas. Na área estudada, 1 carro = 12 *cargueiros* = 8 mãos ou 2 cestos; 1 mão = número variável de espigas,

conforme o tamanho". A seguir descreve o complexo processo de medição do carro de milho. Candido (1964), pp. 224-226.